

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2.000 por trimestre, na typographia do *Pozz*, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 11.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 30 DE MARÇO DE 1873.

Da *Luz*, importante periodico litterario, à cuja illustrada redacção retribuimos as delicadas remessas que nos faz, extrahimos o importante artigo que abaixo publicamos: não só pela parte que nós maranhenses tomamos nelle, como pelo seu estylo vigoroso e fluente, estamos plenamente convencidos que satisfará aos leitores semelhante transcripção.

### A arte typographica.

ESTUDO SOCIAL.

I

O Christo pregára à humanidade as palavras de paz e de amor, de liberdade e de progresso, e o Christo ascenderá aos páramos do infinito, e a sua doutrina lavrava entre os homens.

E a humanidade partindo das palavras do Golpho, foi caminho do seu destino.

Mas a maldade e ambição dos homens encanecidos no vicio e no orgulho, jungia ainda os povos a gléba da ignorancia e da servidão, e estorvavam a fructificação das palavras do Bem-Vindo!

A intelligencia e a liberdade jaziam quasi nas trevas do obscurantismo, e o coração do homem confrangia-se ante a superstição e o despotismo.

Os seculos correram; a voz dos prophetas calára-se, e a humanidade abyssinava-se ainda na ignorancia de si.

Mas no seculo XV, no anno de 1450, um homem apparece do centro da Allemanha, que vem—novo Messias—espalhar a luz diffundida pelas palavras do Christo.

Na phrase do poeta de Mauro, o dedo do Senhor gravára lhe na fronte o sygillo do genio e a inspiração santa e nobre ardia lhe na mente pensadora!

Era Gutenberg, era o inventor da imprensa que surgia, era a luz que se espalhava por cima das trevas, era o iris da liberdade que se antolhava á escravidão!

O seculo XV foi uma época memoravel nos fastos da historia da humanidade! Colombo descobre a America e Gutenberg inventa a imprensa! Das nevoas da Germania accendia-se o sol do progresso, e das margens de Genova, o enviado de Deus mostrava aos homens a terra da promissão!

Então a humanidade resurgiu do obscurantismo, e admirou-se em face de si e da oppressão. O despotismo dos reis e a theocracia estremeceam, porque o—verbo—ia esclarecer o espirito dos povos!

O abate da ignorancia esvoaçou ao longe, e os homens sentiram em si a seiva da idéa nova!

Appareceu a imprensa, a alavanca de Archimedes, e o mundo abalou-se ante a mais importante e a mais magnifica invenção do genio do homem.

II

Appareceram os livros, os livros des fizeram-se em jornaes, e o povo abriu os olhos do espirito e do coração á nova era que se lhes inaugurou!

Então a imprensa foi saudada com enthusiasmo pelas turbas, e accêita pelos reis e pelos padres.

Os Imperadores da Allemanha concederam aos typographos regalias e privilegios, e o uso do brasão de nobreza; a Italia acolheu-os com enthusiasmo, a França protegeu-os, Portugal concedeu-lhes fôros de fidalguia, e por toda a parte a imprensa, Autem moderno, cresce, vigora, avulta, e, immensa, respeitavel e grande no meio do seculo findo, representa um grande papel, e sustenta-se no seculo XIX como o mais poderoso alavanca do progresso, e torna-se—um poder no centro dos poderes—e no meio dos povos e dos reis que equilibram seus direitos, nas novas constituições politicas! a imprensa ergue-se, e um eminente escriptor francez exclama— a imprensa é o 5.º poder do Estado! E nenhuma voz vem contestar esta verdade, porque a imprensa se representa no jornal, que é o livro do povo, na phrase dulcissima do poeta das *Excavações*, no parlamento onde a nação se representa no livro e na brochura, que percorre o mundo desde a cabana do pobre até ao palacio do rico.

A voz da imprensa, as classes equilibram-se, as sciencias, as letras e artes vigorizam-se, e a sociedade avança á conquista do futuro!

E é por isso que a typographia é a primeira das artes e a mais importante, os seus levitas homens prestantes á sociedade, tanto como o padre e o medico, o lavrador e o sabio!

A musica que falla á alma; a pintura que falla aos olhos; o theatre, que edifica os costumes, nenhuma dessas artes tem mais utilidade e é mais nobre do que a imprensa, porque sem a typographia os homens jazeriam na ignorancia e na servidão; as artes e as sciencias não teriam passado do que então eram, o Verdi, Ru-

bens, e Talma e Lamartine e Newton e Lavoisier, e Humbold e Gonçalves Dias, e Napoleão e Cavour, não teriam existido! Rousseau e Voltaire, Lacordaire e Juffroy, não teriam viado a luz do entendimento! A litteratura não teria tido o progresso que ha feito, e todas as cousas sociaes não teriam attingido o grande marco do seculo XIX, o seculo das luzes e do progresso!

III

Gutenberg foi o Messias do seculo XV, e a typographia, sendo a primeira das artes, depois de ter elevado a sociedade ao ponto a que attingiu, deixou de ser considerada um sacerdocio, para considerar-se um mister.

E o burguez barrigudo e gordo, o proprietario e o fabricante, o negociante e o lavrador, o peralta e o politico hofabrearam com a arte que os elevou; e o artista que se envolvia outr'ora na capa de fidalgo e traçava a espada de cavalleiro na época das verdadeiras distincções sociaes, legitimadas pelo tempo, pelo concurso dos povos e pelo sangue derramado nos campos de batalha, viu-se amesquinhado pelo terceiro estado, e o burguez de carapuça de lontra e cofre de dinheiro, que outr'ora rogava-se humilde pelos artistas que representavam o talento e o genio, agora passa altivo no meio daquelles que o elevaram, e crearam essa democracia que quer equilibrar seus poderes e seus direitos com os reis e os papas!

Mas a arte não morre, e a imprensa ha de ser sempre a alavanca do progresso e a luz da civilisação!

O typographo e o maestro, o pintor e o estatuário, o engenheiro e o architecto, serão sempre o grupo do bello e do util, do progresso e do sublime.

E é assim que os typographos Michelet e Franklin, Paula Britto e Belarmino de Mattos, Antonio Soares e Gutenberg marcham a par e passo com Gottschalk e Hozacio Vernet, Pradier e Fernando Leasesp, e diffundindo a luz que Newton e Cousin, Chatéaubriand e Hanne-mann, Cuvier e Goethe encerravam no cerebro, levam por meio da imprensa a sociedade e os homens ao baseamento da vida social do futuro e á realidade das palavras do Divino Mestre.

IV

A imprensa é a primeira das artes e os typographos aquelles homens que, bem merecendo da sociedade, vivem no entanto sem aquelle prestigio e privilegio de outras eras, sem aquella importancia que já tiveram no tempo do—privile-

gio e da nobreza—e esses homens do futuro e do progresso passam ali no meio da sociedade que os desconhece e que tudo lhes deve, como todos os homens da arte e do talento que, orgulhosos de si, não se impõem à consideração de ninguém, porque têm consciencia do seu proprio merito.

E se a Alemanha e a França, a Italia e os Estados-Unidos têm tido typographas que as têm elevado, reproduzindo a litteratura e a sciencia, a liberdade e a paz, tambem no Brazil si se aponta Carlos Gomes e Victor Meirelles, Chaves Pinheiro e Francisco Manoel, Bithencourt da Silva e Pedro Americo; aponta-se tambem Paula Britto e Belarmino de Mattos, um no Rio de Janeiro, outro no Maranhão, por amor e sacrificio dando á luz do mundo civilisado as obras litterarias e scientificas que formam o grande edificio da litteratura brasileira!

Sem esses dois typographas muito talento ficaria desconhecido, muitos homens de letras teriam perecido obscuros e ignorados, e a litteratura brasileira seria hoje, o que era no seculo passado, um embryo.

A. Roma.

### Quadros do somno.

TRADUÇÃO.

Elles dormem: quem são esses que dormem? Meninos fatigados dos folguedos do dia, de quem as estrellas á noite illuminão o doce sorriso, que o ultimo raio do sol testemunhou. Semelhantes ás gottas do orvalho, que, cahindo sobre as flores, fallas abrir, derramando suave aroma delicado, assim um doce e pacifico somno se apodera d'esse socego infantil.

Elles dormem: quem são esses que dormem? Homens que lutam com a desgraça; suas palpebras, ainda humidas de lagrimas, se feixaram ao peso da fadiga.

Um repouso momentaneo repara suas forças esgotadas, até que o despertar lhes recorde que são obrigados a continuar a luta empenhada.

Elles dormem: quem são esses que dormem? Presenciosos mettidos em suas cellulas obscuras: sonhos agradaveis volteiam em roda de suas enxergas, encadeiando-os com prismas de liberdade; elles os atrahem, os enlaçam, e sentem-se possuidos de alegria infavel... Mas ah! quanto é doloroso seu despertar, sentindo desaparecer rapidamente estas imagens deliciosas!...

Elles dormem: quem são esses que dormem? Sêres desgraçados pela accumulacão de suas riquezas; em seus sonhos reúnem ainda pedrarias e joias de um preço fabu-

loso. Cadeias de ouro comprimem seus membros fatigados, e o brilho dos diamantes multiplica-se diante de suas vistas: eil-os despertos e sentindo desaparecer, por encanto, tantos esplendores.

Elles dormem: quem são esses que dormem? Detende-vos um instante, andae sem fazer barulho. Amigos cheios de anciedade velam junto do leito d'esse que dorme. Todas as esperanças estão esgotadas, resta uma unica: a de um profundo somno. Não falleis, para que não desperte deste somno salvador.

Elles dormem: quem são esses que dormem? Milhares de creaturas que passaram d'este mundo de miserias e de lagrimas á região da morte! Ellas repousam tranquilas, e hoje, nem os doces cantos, nem a brisa harmoniosa, nem o vento do inverno, e nem o ribombar do trovão podem romper o somno da morte!

Anelia Desprez.

### Conveniencias Inconvenientes.

A. A. BRITTO.

Provocadas estas linhas pela leitura dos seus *Topiques e retiques*, têm em vista apenas ligar-nos as ideias e cimental-as dialectamente.

Apezar de divergirem inteiramente os nossos estados; apesar de não ser tão feliz como tu o autor destas linhas, e, em materia tão delicada, não ter, como tu, conhecimento de causa, observa do seu confinho obscuro o que vae pelo mundo e abraça as tuas ideias, que, embora muito justas, oppõem-se irreconciliavelmente ás dessa sociedade madrastra, que se diz sensata e que arvora, imprudente, o velho pendão da censura contra o modernismo, esquecendo, todavia, que as conveniencias impostas pelos seus costumes austeros, si outr'ora—exerciam o triste mister de satisfazer o desejo de pratical-as, sacrificando embora com energia uma victima que debilmente e como um automato resignava-se ao silencio que lhe impunham, hoje—apenas facilitam acontecimentos feios e embaraçosos.

Si o autor das *Duas escholhas* não se apadrinhasse ao nome de *Nestor*, o que indica longevidade, pois que Apollo concedeu-lhe tresentos annos de existencia; si não declarasse que falta-lhe apenas um lustro para contar um seculo de vida, de certo os leitores do *Paiz* não lhe perdo-

ariam as ideias e faziam-se-lhe *centauros*, pois que, como deves saber, Nestor combateu contra os centauros.

E com que esperanças combateu *Nestor*?

A resposta vai embaraçar o Sr. *Nestor Junior*, pois que *seu pai* combateu por que queriam arrebatat-lhe Hippodamia, o que me faz crer que o argonauta não abraçava as ideias deste seu *filho*.

A tal Hippodamia era filha de Génomau, rei de Pisa, cujo systema de pensar muito se parece com o do moderno Nestor, pois contam os classicos que amava á filha—com tanto extremo—que fez della uma alzanzia e a prometeu em casamento ao primeiro que a vencesse na carreira.

Ora diz-me si esta resolução não se semelha muito ás dos séculos das trevas.

Esqueçamos-nos, porem, desse tempo esquecido, em que a historia andava á braços com a mythologia e reportemos-nos aos nossos annos, á esta idade de ouro, em que se trata, com tanto afincio, da educaçao da mulher.

Hoje que os sabios, os publicistas, os homens sensatos, etc., não negam ao sexo fragil o direito que lhe assiste, e desconhecem esse privilegio que a antiguidade concedeu aos homens, fazendo da mulher uma machina domestica, ou antes—insinuando-lhe uma philosophia, que ella aceita como um dever, é de presumir que, neste ponto, não vinguem as ideias de um paradoxo, que vio a luz do dia em fins do seculo passado.

Paradoxo, digo bem: não ha hoje quem pense assim, e si algum realisa essas ideias mortas, é por uma ambicão á que a condescendencia do mundo dá o nome de *conveniencia*.

Si, porém, ha alguém que pense o contrario, o que não creio, e si tem alguma accusação á fazer, não condemne injustamente a aberração dos costumes; accuse e condemne a civilisaçao, que—graças á Deus—vae ordenando as cousas, não obstante estarem ellas ainda muito deslocadas.

Infelizmente são hoje ainda muito vulgares as *conveniencias*; porisso que o são tambem as *inconveniencias*.

O exemplo, porém, jamais importa: os arrependimentos succedem-se e os casamentos vão-nos os paes talhando a medida de seus desejos.

Quando o rapaz que teve a infelicidade de sentir uma leve inclinacão pela noiva do rival que lhe deram as *conveniencias*, limita-se á triste consolaçao de chorar e fazer versos sentimentaes, bom é; porém

quando esse desventurado, sentindo que o fogo da paixão ardia sob cinzas, exaltado por elle e mordido pelo despeito, despenha-se no abismo que lhe cavaram as conveniencias, lembram-se todos daquelles engraçados versos de Faustino de Novaes, que censuram que casem

.....com velhos mocinhas  
que são das moços encanto;

porque:

.....depois as creoulinhas  
nas feições variam tanto...

Assim pois, Augusto, estejas certo de que deste uma resposta cabal ao Sr. *Nestor Junior*; e si lhe quizeres apontar uma prova mais eloquente da verdade, trata de conhecê-lo, convida-o a ir á tua casa e apresenta-lhe o sublime quadro da familia de um rapaz que se casou, quando era apenas um simples empregado publico.

Mostra-lhe o sorriso que brinca nos labios de tua esposa adorada e feliz, e, com o devido respeito ás suas cans (si não for completamente calvo), pede-lhe que guarde os seus alfarrabios e cuide em conformar-se com os netos.

A. A.

### Um numero da Divina Tragedia.

NA MATHIA.

(*Langfellec.*)

MARTHA trabalha nos arranjos da casa. MARCELO está nas pés do CAMISTO.

MARTHA.

Ella se assenta indolente aos pés do Senhor, e assim nem se importa com os arranjos da casa... é tudo p'ra mim! Quando um hospede nos chega, ella abandona o trabalho e toda com elle se emprega; enquanto eu, como uma negra, devo ir preparar a comida, apromptar toda a comida, pôr na cama roupa nova, vez que nada falta em casa, pôr tudo no seu lugar. Ella agrada por palavras, eu por o meu trabalhar.

MARIA.

Oh Christo: quando tu chegas é dia de folga aqui. Não posso mais fazer nada, só devo mirar-te á ti, ouvir-te continuamente, sentar-me junto aos teus pés. Sou franca por natureza e irresoluta, bem vê;

apathica e caprichosa, incapaz de persistir, sempre almejo alguma coisa que se não pôde atingir. Contrariada, frenética, sem socego, sempre afflicta, só me alegro e me descança essa tua voz doce e mansa, essa tua face benévola.

Mais vigorosa e exisada, e em tudo melhor que eu, mais robusta e forte é Martha, essa irmã que Deus me deu. Vê como ella arruma tudo, somente p'ra te agradar! Vai e vem, atarefada, de um para outro lugar, cuidadosa e tendo sempre serviço em que habitar: enquanto eu com vozes ocultas te obsequio somente. Mas é que, quando tu fallas, sou feliz e estou contente. Si te callas, teu silencio ai! tambem me satisfaz. Só tua presença me basta, não peço, nem quero mais. 'Star contigo, olhar-te sempre nem de mais nada preciso; verás como eu, só com isto, toda enlão me tranquilizo. Alé um admirio e espanto: como é que mereci tanto?

MARTHA.

Ah, Senhor! tu não te importas que minha irmã, que Maria deixa-me assim ser a unica em te servir todo o dia? Peço que ella, ao teu mandado, venha ajudar-me um bocadinho.

CAMISTO.

Ai, Martha o teu genio activo não descança, nem repousa: sempre na faina! contudo só dispensaste uma coisa. Essa—a melhor, a mais nobre—Maria soube escolher; ninguém poderá roubar-l'ha, nem ella a pode perder.

Recife, 8 de novembro de 1872.

*Verso de Magalhães.*

### O Mercado.

COSTUMES MARANHENSES.

São oito horas, e a praça do mercado está repleta de multi-côr populaga, que bôlçosa, inquieta, enorres balles sobraça.

Que bôlçico! que algazarra!  
Que constante espalhafato!  
Nas creoulinhas esba...a

o leviano sapato,  
que pede vênha buzerra.

Nos açougues o bôlçico com o da praça bôlçiz; no carneiro exercicio o açougueiro maldiz o seu trabalhoso officio.

Vê-se entrar, vê-se sair o povo, mais o diabeiro: o leitor punha-se a rir, observando o açougueiro que não tem mãos á medir.

Lá vende carne á neu freguez que cinco kilos demanda; peza-a e coquearais que vão dous kilos de vianda, pois só de ossos vão trez.

Corta agora a velha fara para a escrava de um sujeito, fidalgo de carne, um lam bocado do peito, qu'è a melhor carne da vaca.

Agora gorda cresula, que não tem nada de feia, —e muito menos de tola—, dá mesma carne grangeia, sem gastar muita parola.

Agora outra rapariga considera com alvoroço que, sendo fregueza antiga, deve levar menos osso: que *salá velha* a castiga.

Outra já mette as estanas no açougueiro e na prosodia, diz-lhes palavras manufadas, terminando a palinodia meia dúzia de bananas.

No mercado as vendeleiras trabalham muito tambem; formando grandes fileiras; e—vintem sobre vintem— abarrotam as algibeiras.

Co'uma torre verde e alta de couve, lá vejo uma; tudo mais aos olhos salta; a mulher a cousa arruma de modo que nada falta.

Entre um côro de risadas; com fructas desta equinox'io, algumas mais aceiadas tambem fizem seu negocio, no chafariz assenfadas;

outra traz uma bandeja com ramilhetes bonitos; e tanto anda e traquiza que, dos freguezes benditos o dinheirinho, os despeja;

uma velha á preta plebe vende o carurú já frio, que por cá tanto se bebe; além de muito elogio, muito calote recebe.

As barretas-lão abertas,  
 ás portas dellas a fructa  
 têm por cima umas cobertas,  
 cousa, que o nome disputa  
 de soubreiro, em horas certas.

Sem que o povo se constanja  
 em lhe dar o seus dinheiros,  
 vendendo lino e laranja,  
 cada um dos barregueiros  
 o seu monte-pio arranja.

Meu leitor, á nua ignôcia  
 o prazer que s'experimenta,  
 escutando da gentalla  
 a alterença violenta,  
 a violenta badalla!

Ora—cinnos innocos  
 de um desabalado Offello,  
 que faz mancosos planos  
 de bater co'a o seu chinello  
 no caudal de seus dinnos;

ora—as raras e as folices  
 que um fanceiro conta,  
 quando sabe das doçiees  
 da mulher, que não conta  
 a esposa do velho Ulysses;

—de um sapateiro os flagelos  
 que quer os quatro mil reis  
 do ludo par de chinellos,  
 que traz nos pequenos pés  
 creoula dos olhos bellos;

—a nobre resolução  
 de um sujeito generoso,  
 que, estendendo a parda mão,  
 apresenta-lhe, vaidoso,  
 o nó gordão da questão;

—o agradecer da mulata,  
 que taes chinellos deva;  
 que não há de ser ingrata  
 diz o olhar, que é garantia  
 de uma paga immediata;

—a sensata reflexão  
 que faz a outro um moleque,  
 contando a resolução  
 de dar sempre enorme cheque  
 nos charutos do patrão.

E, como estas questões,  
 mil outras questões s'escutam:  
 protestos, rixas, risões!  
 Todos os dias disputam  
 sem mais considerações!

Si o leitor,—o que receio,—  
 não tem á isto quisilla,  
 venha á praça por passeio;  
 si não trouxer a familia  
 não falta mal do recreio.

A. A.

### Soneto.

Certa vez encontrei (não digno aonde,  
 pois o caso foi visto: é verdadeiro,—)  
 uma bella do fruz dentro de um bond,  
 seguida de um maduro cavalheiro:

ella lança-me um riso surrateiro,  
 e o meu sorriso logo ao seu responde;

outro riso, disfarço; outro: ao terceiro  
 outra vez meu sorriso responde.

Mas diz-me o typo cutão:—Não se enfoiteio,  
 pois esta moça que o Sr. cá vê  
 no templo recel. Não foi douceira?...

No meu caso, leitor, Vossa Mercê  
 o que havia de fazer?... eu disse  
 que quem não sabe é como quem não vê...

A. A.

## CHRONICA.

Precipitam-se os acontecimentos!

O dia 25 de março de 1873, além de trazer consigo gratas recordações aos brasileiros, por ser o quinquagesimo anniversario do Juramento á Constituição Política do Imperio, trouxe-me um exame de noticias tal, que asseguro aos leitores que, assim pelos moldos, têm elles noticias a dar com um pio!

Com effeito o dia 25 de março não parecia um dia maranhense; geralmente aqui, em horas de ocio, não se tem onde matar-as, n'aquelle dia; porém, não se sabia para onde ir, tão grande era a lista dos divertimentos.

No dia 25 de março, ás 6 para 7 horas da manhã, houve a abertura da igreja do Recolhimento, que apresentaram modesta e magnificamente adornada. Lamento, de passagem, a ideia que teve o pintor do forro, entre outras cousinhas, de representar Nossa Senhora de vestido á Garibaldi e de uns pés de 47—Sacer.

No dia 25 de março entoaram hymnos as sras. recolhidas e azylladas, em acções de graça ao restabelecimento do nosso casto Prelado.

No dia 25 de março fizeram as mesmas sras. um elegante bazar de alguns trabalhos seus, cujo producto, creio eu, é disposto á favor das obras do concerto do convento que me parecem estar no mesmo pé em que as deixou o padre Malagrida, de saudosa memoria.

No dia 25 de março, por ser dia de grande gala, salvaram as fortalezas, embandeiraram-se os navios surtos no porto, os consulados, vice-consulados, e até mesmo os bouds!

No dia 25 de março, pelo mesmo motivo, houve um esplendido *Te-Deum Laudamus*, ao qual concorreram todas as autoridades nacionaes e estrangeiras do patz.

No dia 25 de março, pela mesma razão, houve parada do bem disciplinado e brioso 5º Batalhão de Infantaria.

No dia 25 de março abriu-se á curiosidade publica o povo edificio do Thesouro, ricamente construido. Ao Sr. Francisco Gonçalves do Reis deve a provincia tanto o melhoramento: fique pois registrado tambem nesta obscura chronica o nome do benemerito cidadão portuguez, a cujo amor e abnegação deve a nossa terra um edificio digno della.

No dia 25 de março houve cortejo á Augusta Effigie de S. M. o Imperador.

No dia 25 de março collocou-se a pri-

meira pedra do edificio que se destina ás escolas do ensino publico-primario. Lavrou-se a acta do assentamento em um corêto de festas de arraial, mal disfarçado em pavilhão, por meio de umas bambuletas de igreja. Este Arrêas! Houve um discurso, que foi acompanhado pela cerimonia.

No dia 25 de março soube o chronista abaixo assignado que, no dia anterior, se haviam levantado alguns presos na ponta d'Arêas, o que provocou dous tiros e muito commentario do povo, que julgava fosse o vapor.

No dia 25 de março commemorou-se a annunciação de Nossa Senhora, razão pela qual, além de ser feriado, foi 2º.

No dia 25 de março abriram-se as portas do nosso velho theatro, que está concertado, que faz um gosto vel-o.

Pedimos a attenção do Sr. presidente da provincia para o estado em que estão as vistas decorativas do scenario, o piano de bôca, os bancos e cadeiras das platêas, emfim tudo o que não foi reparado.

O Sr. Eustaquio Rebouças deu um concerto de clarinetta, ajudado pelos nossos mais habéis professores, revelando muito talento, muito conhecimento de musica e perfeita execução.

O que mais houve no dia 25 de março?

No dia 25 de março... não houve mais nada!

Já veem os leitores que quem desperlasse as horas em que desperta o homem pouco preguiçoso, encontraria distrações até as 11 horas da noite.

Foi o que se deu com este seu creado, que aproveitou muito bem esse dia, que bem pouco se pareceu com o mais.

Acordei ás 6 horas; fui á missa e visitei o recolhimento; em seguida fui ao thesouro; almocei em casa de um amigo e fui ao Té-Deum, passando ao cortejo e depois á collocação da primeira pedra do edificio da escola; sahi ainda cedo e fui passeiar, pois a tarde esteve bonita—(faça-se justiça)—; passeiando, passeiando, fui dar ao convento outra vez, onde fui citado para ficar com um mimo que me fizeram, *baratinho*; fui jantar: acabado o jantar passei em um *bond* e terminei *la journée* ouvindo os bonitos sons da magica clarinetta do Sr. Rebouças e da harmoniosa rabeca do Sr. Raiol.

Mas esta é boa! O que têm os leitores com que eu fosse ou deixasse de ir a taes partes?

E' que o rato lambuzou-se n'um mel que ainda não havia provado, pois foram tantos os acontecimentos, que me hia esquecendo da procição do Bom Jesus da Canna Verde, que percorreu as ruas de *costume*, com a pompa de *costume*; irmãos de *costume*, sermão de *costume*, o que tudo vio e de tudo gostou o que assigna, como de *costume*,

*Eloy, o herde.*